

# Academia Portuguesa

LITERATURA, INFORMAÇÃO E DEFESA DA ACADEMIA  
Propriedade da «Academia Portuguesa» (Constituenda)

## COLABORADORES

AGOSTINHO FORTES—Director da Faculdade de Letras  
SERRAS PEREIRA—Professor do Liceu de Pedro Nunes  
HORACIO BENTO GOUVEIA—Professor do Liceu de Alcobaca  
ANTONIO MARIA LOPES—Professor e publicista

JOÃO DA SILVA CORREIA—Professor da Faculdade de Letras  
JARDIM DE MONTE-SÃO—  
SANTOS PEREIRA—Professor do Liceu de Viseu  
JOAQUIM S. JOCABETTY ROSA—Prof. da Escola Ferreira Borges

## Idéia em marcha...

### O CONGRESSO

Sabemos muito bem que os Congressos são reuniões de resultados imediatos! Mas o que nos anima para a sua realização, para a sua efectivação, são exactamente as dificuldades que temos a vencer, más vontades e indiferenças de muitos, desleixo de quasi todos.

Estamos acostumados, desde a meninice, a lutar

Temos, felizmente, vencido sempre. e não seria agora, por necessidade de vencer quaisquer dificuldades, que deixaríamos a barricada.

E' o terceiro Congresso, em prol do qual, levantamos a voz.

Um, realizámo-lo a contento de todos, em Junho de 1932; o da Imprensa Regional Alentejana.

Outro, que estamos convencidos marcará um extraordinário passo em frente na vida da nossa maior e mais rica provincia, é o Congresso Alentejano, que em Abril se vai realizar na histórica e monumental cidade de Evora.

Ao nosso conhecimento veio a ideia da realização deste Congresso Académico.

Exulte, como exultam as almas nobres e desassombradas (sem falta de modéstia) quando teem e vêem uma probabilidade de, afoitamente, desapaixonadamente, pode, em publico, erguer a sua voz para pedir Justiça.

Infelizmente muito precisados d'Ela estamos, e se, repito, é um facto que os Congressos não teem resultados imediatos, a verdade é que eles proporcionam, além dum interessantissimo estreitamento de relações entre a população académica de Portugal, permitem que os assuntos sejam ventilados, que se façam estudos, que se discutam e apresentem os principais assuntos que á Academia interessam.

Nada de politica nestes Congressos! Melhor; todas as politicas, e que elas produzam uma só: a dos interesses gerais, permitindo que, como um só homem, todos os homens das nossas Faculdades, saibam dizer o que querem e porque o querem.

Se é um facto que a geração de hoje sabe produzir, sabe donde vem, no que vive e para onde pretende caminhar, nada mais justo, nada mais legitimo, do que essa ambição: O Congresso Académico.

Pertencemos felizmente ao numero dos que conhecem; podemos por isso afirmar, que nada valem, declarando que não emitimos estas palavras por excesso de modestia, ou para que nos dirijam enganosas lisonjas.

Pois esse pouco valor, aliado a uma estatura mais que mediana e a uma voz que nunca tremeu ou enrouqueceu quando clama

## “MOCIDADE”

Recebemos o n.º 3, de 13 de Janeiro, deste jornal, propriedade dum grupo de académicos do liceu de Faro, com quem gostosamente permutamos.

Direcção, edição e redacção de Calazans Duarte, Fernandes Moite, Lourenço Gago e A. Quintins, «Mocidade» está bem escrito e bem apresentado. O grupo de rapazes que o fundou tem qualidades que não são para desperdiçar.

O seu artigo de fundo, «Académicos uni-vos» tem doutrina apreciável.

«... logo que dentro duma corporação—diz— existam quaisquer opiniões ou ideias antagonicas, ela infalivelmente tende a decompor-se em fracções pouco ou nada solidárias».

Academia Portuguesa é bem o prototipo dessa corporação nada solidária. Quando recebemos a «Mocidade» pensámos que o quinzenário, a todos os títulos simpático, órgão da academia de Faro, «Alma Académica» tinha suspendido a sua publicação, pela falta de solidariedade da mesma academia. E sendo assim justificava-se plenamente; era sumamente louvável a fundação doutro quinzenário.

Dois jornais dentro do mesmo liceu é fomentar a desunião da desunida academia.

A academia precisa fazer muito, pode fazer tudo, subeja-lhe competencia, não lhe faltam simpatias. Só lhe falta união e vontade.

A ideia dum Congresso académico, do primeiro congresso da Academia Portuguesa, não tem encontrado, duma maneira geral, o esperado e razoável acolhimento. A própria imprensa académica, aquela que se propõe defender os interesses da Academia, não tem patrocinado devidamente a sua realização— a realização da obra de maior vulto na vida académica. Realizado êle, está lançada a pedra angular do edificio das nossas reivindicações.

Por isso, nós incessantemente juntamos o nosso brado ao brado da «Mocidade», ao brado que ecoou no «Académico» em Vila Real, já reforçado com o brado da «Alma Académica» do Algarve.

Académicos... uni-vos.

## “O Educador”

Recebemos a visita deste semanário da capital que se publica na rua do Rato, 27-1.º, com quem gostosamente vamos permutar.

Dirigido pelos professores Augusto Luis Zilhão e J. Diogo Correia, órgão de defesa do professorado primário «O Educador», pelas secções, de linguística, ortografia, e métodos de ensino, impõe-se a assinatura de todos os que teem a seu cargo a mais nobre missão de educar e instruir a criança.

Que o professorado se não deixe anestisiar pelo papão de que não pode, por dificuldades financeiras, pagar a importancia de \$50 semanais, e que saiba compreender o sacrificio dos dirigentes do jornal da sua classe estimulando aqueles e não deixando perecer este.

São os votos de prosperidades que desejamos a «O Educador».

Justiça, estão absolutamente ao dispôr dos organizadores de te Congresso Académico que pretendem efectivar, pondo ainda, ao dispôr dos interessados, as colunas da «Democracia do Sul» d'ário republicano que se publica em Evora, para nelas comunicarem e tratarem todos os assuntos que com tão magno problema se prendem.

Victor Santos.

## Dr. Mário de Alenquer

### O préstito funebre

Constituiu uma verdadeira demonstração de apreço e consideração ás nobres qualidades do prof. Mário de Alenquer a ultima homenagem que os seus alunos e colegas prestaram, desde a Igreja dos Anjos até ao Alto de S. João.

Um cordão formado pelas capas negras dos estudantes circundava a berço, enquanto uma longa fila de auto-móveis fechava o préstito.

Depois das cerimónias rituais, fizeram-se imensos turnos: professores, vultos em destaque no meio lisboeta, alunos do falecido e estudantes das Faculdades, ficando a urna depositada em jazigo de familia.

O nosso jornal fez-se representar pelo nosso colega Jorge Antunes.

### Director da Faculdade de Letras de Lisboa

Tendo deixado o cargo de director da Faculdade de Letras o sr. Dr. Agostinho Fortes, cargo que durante muitos anos exerceu como a maior competencia, zelo, probidade e admiração, assumiu o espinhoso cargo o illustre homem de ciência, filologo esmerado, sr. Dr. João da Silva Correia a quem «Academia Portuguesa», testemunha sua admiração.

## Livres prisioneiros

Podesseis vós— ó servos da idade,  
Ermos a sonhar em noite calma—  
Queimar o manto gôrdo da vaidade,  
Voar pelo infinito alado em alma...

Circunscritos à linha da saudade,  
Ao poder dos espaços e da era,  
Livres filhos da livre imensidade  
Somos prisioneiros desta Terra!

Dominemos o tempo e o espaço  
Cortando no patibulo da esfera  
A força universal do seu abraço.

Demos vida ao cantico profundo—  
Eco de Deus apontando o traço  
Que hemos de seguir de mundo em  
(mundo!

Manuel Pidwell da Costa.

## ANALFABETISMO

## ENSINO

Um povo com tão elevada percentagem de analfabetos marcha sempre, absolutamente sempre, com o passo trocado, nunca consegue acertá-lo e muito menos acelera-lo.

Um povo com 75 % de analfabetos jamais saberá diferenciar o joio do trigo e, conseqüentemente só se libertará desse joio que vegeta em todos os pontos para onde o eterno sacrificado tente desviar a sua atenção, quando estiver de posse dos respectivos meios de extermínio.

Se é certo que a República alguma coisa fez em prol da instrução popular, não oferece também dúvidas que este magno problema não mereceu aos homens dos governos republicanos aquela atenção, o desvelo que quasi todos nós ambicionamos. Ultimamente muito se disse, grandes projectos se fizeram, porém, as realizações estão muito longe do fim.

«Res non verba!» De palavras; de verbos no imperativo e conjuntivo estamos nós enfastiados.

E' uma vergonha o que se passa no nosso ensino, já aqui o dissemos, nunca será demasiado repeti-lo—o ensino em Portugal não passa de uma burla. Urge enfrentar os burles.

Desde o primário, onde grande parte do professorado amarrado às velhas metodologias, tem quasi exclusivamente como único objectivo levar a maior percentagem possível de alunos a exame, a essa forma estúpida de em 15 minutos avaliar da inteligência e da bagagem literária de cada um, sem se importar com o modo como o menino transformou o seu cérebro em caracteres de Gutenberg, sempre aptos a dizer o que são incapazes de compreender.

Até secundário todos nós sabemos as miéris que por lá vão.

Ao chamado superior, a par dos mestres probos, temos aqueles que se deixam mover por uma das mais simples máquinas que, se noutros tempos podia ser admitida, hoje, época da T. S. F. e aeroplano, de modo algum se pode tolerar, como também se tornaria ridículo utilizar o carro de bois para ir ao S. Luís.

Depois temos, no geral, mau apetrechamento didactico das escolas, quando as há dignas desse nome e, quasi sempre quando temos bons professores, que os há, faltam os requisitos necessários para o cabal desempenho da tão nobre arte de ensinar.

Resultado? Instrução deficiente e deficientemente ministrada.

Sobretudo nas aldeias, frequentemente, vê-se o rapzinho que fez o seu exame, ao fim de meia dúzia de meses, incapaz de resolver qualquer problema que, meses atrás, faria mentalmente.

Enfim, se alguém pede ao menino que escreva uma carta, pouco mais saberá dizer além das «soidades para o ti Manel e para a ti Joquina».

Mas não admira, se atendermos à enormidade de conhecimentos que se pretendeu impingir ao rapaz, num pequeno lapso de tempo, a forma como lhe foram impingidos e ainda, sobretudo, a que o rapzinho, as mais das vezes, após o exame não consegue lobrigar a forma de um livro ou o aspecto de um jornal, a-pesar-de nele germinar o desejo de se instruir.

Ora, não basta fazer exame de instrução primária, para não mais pegar num livro ou jornal.

Nestas condições o individuo pode considerar-se como analfabeto visto que, geralmente, esqueceu quasi tudo quanto aprendeu.

## CAPA E BATINA

## «Entrevistando um futuro médico»

No quinto andar! Tão pertinho do homem das chaves!?

—Deixemo-nos de considerações. Vamos a subir caríssimo.

Mas Dr., eu não quero nada com os santos—V. bem o sabe—e... não será arriscar-me muito... é lá tão perto do chaveiro.

100... 120... 130... 160... degraus.

Cada pêlo do meu adolescente bigode era uma gota de suor.

Numa porta estava «prantada» uma tableta com as iniciais: R. T.; e, mais abaixo um letreiro-reclamo dizia: «Salão ampliado á ordem da Republica dos Tesos».

O' Dr., esta républica dita leis ao céu ou á terra?

—Caríssimo, ninguém escuta as leis que a nossa républica dita; ainda acabo por chegar fogo a tudo isto.

Não se zangue... tenha esperanças no futuro.

Então, Dr., o que diz sobre o uso da capa e batina?

—Há muitas opiniões: aproveitáveis, regulares, erradas, erradíssimas etc., etc., e ainda não vi uma unica da qual se possa dizer: é boa; bem pensada. Na «Academia Portuguesa», jornal que leio com delicia, tem-se emitido opiniões, nem sempre felizes.

E a sua opinião?

—Em poucas palavras a exteriorizo: A capa e batina deve ser, simplesmente, envergada por alunos que freqüentem estabelecimentos de ensino officiais, com excepção dos matriculados em cursos noturnos e, escusado será dizer, as crianças das escolas primárias.

E os alunos de ensino particular?

—Por princípio algum devem usar tal farda; é preciso trabalharmos para o cerceamento de factos vergonhosos!... para que

Pois bem, se nós estudantes de hoje, homens de amanhã.—e o que podes fazer hoje não guardes para amanhã—nos compenetrassemos dos nossos deveres, se quiséssemos, nós os novos que alimentamos a ideia de uma sociedade melhor, poderíamos debelar um pouco o mal do cancro que a não ser tratado nos arrastará indubitavelmente para o «mare magnum» do infortunio.

Se cada um de nós, deixasse de tomar uma chavena de café, fumar dois cigarros e todos os meses contribuisse com uma pequena cota, 50 centavos que sejam, mensalmente, não conseguiríamos inundar de luz, morosamente é certo, a gente inculta dos campos e officinas por esse Portugal em fóra?

Creio bem que sim.

Se os 30.000 estudantes portugueses (é um calcul) meu e portanto muito susceptível de erro) todos os meses roubassem á sua bolsa uns centavos, teriamos uma verba, não pequena, para aquisição de pequenas bibliotecas por meio das quais derramaríamos os conhecimentos imprescindíveis a todo o homem.

Não seria um titulo de orgulho para a Academia de Portugal se quisesse dar este golpe no analfabetismo que nos envergonha perante todos os povos europeus?

A todos os colegas que nos lerem e encontrarem probabilidades de êxito nesta iniciativa solicitamos o favor de enviar as suas opiniões para a redacção do nosso baluarte—«Academia Portuguesa».

E logo que tenhamos vontades inabalá-

não acabem os futricas transformando-se em estudantes!

—Onde estudas, ó F...? No colégio A ou B e pronto; lá anda um menino bonito, que só sabe cortar bacalhau, de capa e batina a fazer jogo a um fedelho qualquer.

Caro Dr., pensava que era democrata e... —... e sou. Mas a nossa classe é absolutamente distinta. Não há o direito de ser falsificada!!

Eu conheço alguns desses bonitinhos... até um empregado de café! e por acaso muito teu amigo.

Palre e depois não se queixe; apanha com alguma chavena nas ventas...

—Não faz mal.

Outra coisa Dr. Não acha bem o uso das fitinhas na lapela da batinha?

—Não me encanta tal uso. Porém, torna-se absolutamente necessário para diminuir a imitação da nossa classe.

Caríssimo Dr., estou maravilhado com a sua opinião. E' isso mesmo; dê cá um abraço (e murmurei-lhe ao ouvido): não arranjanos por éstas regiões um copito de bom verdasco?

—E se te embriagas?

Não faz mal: estou vestido á estudante...

—Vês velhaco para que serve a capa e a batina?!...

Nem parece presidente da Republica dos Tesos! Seja liberal!?

O meu entrevistado premia o botão da campainha e... quasi vomitei. Veio uma mulher muito barbuda, velha e feia... que belo exemplar de chimpansé. Quem é aquele orangotango?

—E' a governanta a quem chamamos a «Tia Monarquia».

—Aperta o bacalhau! Lindo nome!

Vamos ao verdasco.....

.....

.....

Adeus Dr. até amanhã.

—Leva a capa rapaz e deixa o cobertor.

Adeus Tia Monarquia.

—Te tolha maluco. Vociferou a velha governanta, sacudindo o seu nojento bigode.

Manuel Gomes de Azevedo.

Porto, 22-2-933.

veis deitaremos mãos á obra e o golpe no parasita—o analfabetismo será fatal.

João M. de Matos.

## Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras

Com grande entusiasmo foi levada á cena a peça dos quintanistas d'rs. D. Emilia Ferreira, Bocácio Fernandes, Rebelo Teixeira, Godinho Mónica e Francisco Costa, intitulada «Tristê Sina».

Muito apropriada ao meio académico a que se destina. Entre os «actores», devemos destacar os distintos académicos: Ramos Taborda, Carvalho da Silva, Mário Bento, Oliveira Gericota, Fonseca Santos, Conde de Stuchy, Duarte de Carvalho, etc. etc.

Os nossos sinceros parabens tanto a autores como a actores.

## FRANCEZ

## Dá lições

Em cursos de 2 alunos

35\$00 por mez—Resposta

Rua Actor Taborda, 27-2-E

## O estudante e a sua condução moral

Se em todos os tempos da humanidade houve necessidade de pensar a sério nos problemas sociais, nunca, como hoje, se tornaram tam urgentes, e nunca preocuparam tanto os espiritos como nos tempos que correm.

A crise do desemprego, com a enorme falange de famintos; o problema profilático, pois a tuberculose abre cada vez mais as suas fauces ingentes, terríveis; e, ligado a este, o problema da hygiene (pois o culto pela água, linfa preciosa e gratuita, é substituído, principalmente nas classes baixas, pelo culto de Baco); o problema económico, com as falências bancárias, etc.; tantos outros problemas — que se ligam e atraem como a contiguidade, semelhança e contraste na associação de ideias e a Lei de Newton nos corpos da esfera celeste — absorvem e dominam as individualidades governantes e governadas. Mas no meio de todas as crises avulta, como gigante, a crise do carácter. Para a moderação daquelas, esforços de inteligência e disposição monetária muito podem contribuir. Mas a extinção de todos preside, sem dúvida, a formação moral do homem, a integridade do seu carácter, a probidade dos seus costumes que razões variadas quasi extinguiram.

Para nos conservarmos sãos de corpo e espirito devemos dedicar-nos cedo aos interesses da humanidade. li algures.

E hoje mais que nunca.

A onda terrível do egoismo tenta avassalar as consciências; a comodidade, o bem-estar pessoal é a mesa que quasi todos pretendem alcançar; trabalha-se, estuda-se para se satisfazerem sonhos meramente materiais; o luxo, o prazer, a concupiscência da carne são as tristes características dos nossos dias. Mas tudo isto prevalece, enquanto não vier uma geração socrática que, como dardo, prostre a podridão moral e pense na morigeração dos costumes.

O jovem de 16 ou 17 anos que permanece casio é tido como criança. Faz-te homem! dizem-lhe os prematuramente devassos. Triste ideia traduz esta exclamação!

Para opôr um oíque tenaz a tudo isto que urge fazer? Quem deve começar a ser transformado, já que a educação moral não é ministrada nas escolas públicas á criança?

Naturalmente aqueles que não foram ainda totalmente atingidos pelo mal.

Aqueles que mais facilmente podem ser conduzidos (educados) nos princípios que se devem fazer ressuscitar, porque não são novos.

E, portanto, a mocidade.

E como se deve começar?

Naturalmente por dar á mocidade a noção nítida das coisas e das responsabilidades, por insufflar-lhe no espirito a coerência ou concordância das ideias com as acções, por extrair do fundo do ser o que nele se contém de virtude (o que é, segundo a teoria escolástica, a definição de educação), por, enfim, educá-la moralmente.

E, neste campo, o estudante tem o lugar primordial.

Mas como este está a estender-se e a secção destinada aos estudantes de Viseu não é grande, ficamos por aqui.

No próximo número, continuando, tratarei, em especial, do estudante, o que é e o que deve ser.

Fernando de Matos.

## CURSOS DOS LICEUS AULAS INDIVIDUAIS

Explicações a alunos do liceu, responsabilizando-se pelo aproveitamento.

R. Campo de Ourique, 174

## Ping-Pong

**Dereira de Oliveira, de Medicina, foi o brilhante vencedor do mesmo torneio**

No passado dia 6 de Março na sala de ping-pong do Académico Sport Club, gentilmente cedida pela direcção desse baluarte desportivo académico, realizaram-se os 1/4 da final, meias-finais e final do nosso Torneio Individual.

João Pereira de Oliveira, incontestavelmente o melhor jogador académico e um dos melhores de Lisboa, venceu com brilhantismo, demonstrando bem o seu valôr e superioridade tecnica, já bem provados no Campeonato de Lisboa (equipes) como capitão do Académico.

O exito deste torneio leva-nos a provavelmente realizar outro durante as férias da Pascoa á semelhança do que o Internacional organiza habitualmente em lawn-tennis.

Constituiu um exito a nossa iniciativa, e pena foi que a ela não tivessem aderido todos os valôres do ping-pong escolar pois alguns faltaram como Alvaro Ramos, Mário de Oliveira, Simões Ferreira, Viriato, Gerardo Maia, Cunha Alves que esperamos ver no torneio colêtivo e na prova individual da Pascoa.

Damos a seguir algumas notas sobre os jogos mais importantes:

### QUARTOS DE FINAL

Calheiros Viegas (Direito) bate Baptista da Silva (Financieras) 21-9, 21-19, 21-18.

Calheiros após um primeiro jogo fácil teve de empregar-se a fundo e jogar com cautela pois Baptista assentou jogo após o capote inicial. Com um pouco mais de chance poderia ganhar o 2.º jogo...

Pereira de Oliveira (Medicina) bate Fernando Lago (Liceu P. M.) 18-21, 21-11, 23-20, 21-15.

João, depois de perder o primeiro jogo, infligiu com dificuldade uma rólha no segundo e conseguiu ganhar o terceiro depois de estar a perder 1-13 e 18-18. O quarto jogo veio confirmar a superioridade anterior perante a indiferença ou despreocupação do pequeno liceal.

Classificaram-se tambem para as meias-finais Castro e Azevêdo e Norton Brandão, ambos da Faculdade de Ciencias.

### MEIAS-FINAIS

Pereira de Oliveira bate Norton Brandão 21-7, 18-21, 21-13, 21-12.

Após um capôte no primeiro jogo ganho com facilidade o futuro médico teve de ceder o 2.º jogo no seu enérgico adversário. Os ultimos jogos foram porrem favoráveis, e largamente mesmo, a Oliveira, acaando com muita força e certeza.

Castro e Azevêdo bate Calheiros Viegas 21-18, 17-21, 21-8, 23-22.

Partida renhida nos primeiros jogos e no ultimo e fácil vitória no segundo. Calheiros com menos nervosismo e um pouco mais de chance poderia tirar um 2-3 que se ajustava mais ao jogo realizado de parte a parte e á classe real dos dois contendôres.

### FINAL

Pereira de Oliveira bate Castro e Azevêdo 21-16, 21-11, 22-23, 21-19.

Após duas fáceis primeiras partidas, os adversários equipararam-se nos ultimos jogos interessando emocionadamente a assistência. No ultimo jogo o vencedor chegou a ter 12 a 2 a seu favor. Foi apanhado aos 13 12 (favoráveis), apanhou o adversário aos 19 e perdendo uma bola na rede e não defendendo um tiro deu-lhe a vitória.

### APRECIACÕES

João Pereira de Oliveira foi o indiscutível vencedor

Fernando Lago, infeliz no sorteio, seguiu-se-lhe em valôr. Castro e Azevêdo e Norton Brandão jogaram num mesmo nível, salientando-se o primeiro nos seus lifts da direita e autenticos tiros da esquerda.

Calheiros Viegas, demasiado nervoso na 1/2, jogou regularmente.

### ARBITRAGENS

Reis Tomáz (1/4 e 1/2 final), Fernando Lago (1/2 final) e Calheiros Viegas (final), arbitraram imparcial e correctamente.

### Campeonato Escolar Coletivo

O facto da Associação de Ping-Pong, por absoluta falta de datas, não se poder abalançar á realização dos campeonatos escolares leva-nos a pôr em disputa em torneio aberto a todas as escolas tanto superiores como secundárias, tanto oficiais como particulares, a taça Academia Portuguesa que primitivamente tinhamos destinado ao torneio individual.

A inscrição será de 5\$00 por equipe e 1\$00 por suplente e fecha a 24 do corrente. A formula de competição será, em principio, uma em poule.

As equipes serão de 5 jogadores que se encontrarão com os adversários em 5 encontros tirados por sorteio, formula esta usada nos torneios escolares em

## De Coimbra

### COMENTÁRIOS...

*Chegou o Carnaval... foi-se o Carnaval...*

*Mais um Rei que ainda vive, à custa, bem sei de muitos balões de oxigénio.*

*Era bem bom que desaparecesse de vez!*

\* \* \*

*A convite amabilissimo do grupo beneficiante "Karminoff Académico", de Coimbra, núcleo de estudantes que se diverte espalhando o bem, tive ensejo de dar um giro pela Beira Alta, com escala na Serra da Estrela.*

*Mesmo ao pé da lagôa comprida, lembrei-me de Lisboa, do Chiado, dêsse pelintrotos que dizem mal de Portugal e maravilhas do estrangeiro, sem sequer terem passado de Entre-campos ou do Cais de Alcântara.*

*"O quanta species!..."*

\* \* \*

*"Varandas de Avô", é, até agora, o ponto de Portugal mais lindo que me tem sido dado disfrutar; e prezo-me de conhecer mais alguma coisa que a Rua do Ouro.*

*Ai, em Lisboa, já ouviram falar em "Varandas de Avô"?*

*Nunca, jámais, em tempo algum! .. Oh! Sociedade de Propaganda! Onde estás metida?...*

\* \* \*

*Quando, na Vide, o Carminé Nobre, o Karminoff me encheu um copo dum vinho super-excelente da Beira, lembrei-me da Leitaria Persa e do leite de Lisboa.*

*Pois, meus caros conterrâneos, subam até Vide e larguem o copinho de leite porque... "in vino veritas"!*

\* \* \*

*Cá por Coimbra, tudo como dantes.*

*Veio a gripe, desapareceu a gripe; desapareceu o badalo da cabra, apareceu o badalo da cabra; começaram as férias, acabaram as férias.*

*E sempre na mesma...*

\* \* \*

*Na semana passada deu a primeira aula na Faculdade de Letras o Professor Doutor Agostinho de Campos. Durante a tourada tradicional, Sua Ex.ª perdeu a linha.*

*No entanto... "le monde marche"!*

*Coimbra, 5-III-33.*

José de Assis Pacheco.

França e nas provas inter-clubes em Inglaterra, bem como em outros países.

As inscrições serão recebidas por Calheiros Viegas—R. Escola do Exército, 30—Lisboa N. A reunião de delegados será a 2.º.

### Na Faculdade de Direito

A medalha de honra, oferecida por Calheiros Viegas e disputada entre os melhores jogadores da Faculdade, foi ganha brilhantemente por Mário de Oliveira, batendo facilmente todos os seus adversários, dando mesmo alguns capotes...

Para apuramento do segundo lugar, Calheiros bateu Simões Ferreira, que jogou sem genica de espécie alguma.

Honório Barbosa depois de se classificar sem denotas na sua serie eliminatória baixo na final.

Serêto e José Maria foram os melhores entre os eliminados nas series.

A prova reuniu 9 concorrentes.

### Aos colegas da Provincia

«Academia Português» que encara o ping-pong como um desporto de sala cuja prática dentro dos nucleos académicos tem jus a maior preferéncia que o burro americano, bluff, e quejandos jogos cuja influencia lhe parece absolutamente nefasta, põe as suas colunas ao dispôr dos colegas para a publicação dos resultados das suas provas.

A. P. julga assim cumprir o seu devêr de defensor e interessado no progresso da academia e talvez o desporto de sala predisponha os seus praticantes para a prática desportiva ao ar livre que tão util e bemfazeja é...

A. P. deslocará mesmo, caso a convidem, a sua equipe representativa a fim de realizar jogos amigáveis ou exhibições.

## TEEM A PALAVRA AS

## RAPARIGAS

Direção de: LUCILA MARIA

## Cartas a Carlota Julieta

Ouve, boa amiga:—com a indulgência com que deves ouvir as minhas desprendidas opiniões, escuta-as, e, se poderes, (e poderás: podes sempre o que desejas!) critica-as—será uma prova da tua amizade por mim.

Pediste-me para te dar uma idéa concisa, mas nítida, do que eram as cartas de Madame Sevigné a sua filha.

Porque não te satisfazer um tão sensato desejo?..

Porque não expandir o que se me oferece sobre tão grande monumento literário?...

Sim, porquê?...

—As cartas que tanto desejavas ler, são, à minha sensibilidade, especialmente valorosas pela amenidade do tom, singeleza de estilo, e pela bela e minuciosa descrição de costumes do tempo.

Eram endereçadas a condessa de Grignan; sua muito amada filha, que ela havia casado com o conde que lhe deu o nome, na sublime esperança de a ter junto de si. Como, porém, o serviço público levou o conde à Provença, onde ficou residindo, a única consolação de madame Sevigné resumiu-se em escrever à filha as preciosas cartas.

Bussi dizia do estilo de madame Sevigné "a vossa maneira de escrever, amena e livre, agrada mais que a regularidade peculiar à maior parte dos nossos académicos. E' o estilo de uma mulher ilustrada e com muito

espírito, que sabe tratar com justêza os assuntos de que se ocupa. Nestas linhas de Bussi, está por assim dizer, tudo, do alto espírito feminino que ela foi.

Há capítulos nas suas cartas duma finura, duma graça, duma delicadeza inexcelsa; através a sua prosa deixa antever

uma imaginação viva, animando tudo quanto descreve com tal clareza, que há momentos em que nos sentimos possuídos de sentimentos gemeos dos que animarão a auctora. Quasi instinctivamente compartilhamos das suas alegrias e das suas tristezas dos seus momentos de gozo espiritual. E' tal a originalidade, tal a beleza de sentimentos de que estão animadas que só a um coração de Mu-



lher, e mais do que isso, a um coração de Mãe, é dado compreende-las em toda a sua profundidade. Emfim, o livro de madame Sevigné, é a obra do verdadeiro coração de Mulher aliado a um espírito esmeradamente culto.

Boa amiga:—é o que se me oferece sobre este assunto—e o que me parece faltar ao nosso século XX, são madames de Sevigné...

A de sempre.

L. M.

## Uma opinião que merece ser arquivada

## Carta a Nêzita

Perdoe, Nêzita, o enfado que, decerto, lhe vão causar as minhas palavras modestas, mas não posso deixar de transmitir-lhe algumas observações que o seu artigo me sugeriu.

Eu sou outro *alguem*, além daqueles que Você conta entre os seus conhecimentos, e devo confessar-lhe que as suas afirmações em nada modificaram a opinião que eu já tinha acerca das raparigas da minha época. Você, claro, é uma excepção, mas as excepções confirmam a regra...

Esse *alguem* que teve a fortuna de dançar consigo, (não creio que fôsse sacrificio, como Você diz) apontou com precisão um dos defeitos mais patentes da maioria das raparigas do nosso século: Não sabem conversar.

Se Você fôsse rapaz e travasse conversa-

ção num baile com vinte raparigas, a quinze, pelo menos, teria de falar do tempo ou dos ídolos do cinema, sob pena de, em caso contrário, obter como resposta, sim, não, ou sorrisos demonstrativos de lamentável ignorância.

Isto é um facto observado contra o qual não há argumentos que valham. A maioria das raparigas que conosco compartilham este cantinho da Europa, ou se desinteressam pela cultura que tão bem lhes ficaria, limitando-se a assimilar, e mal, o que nas escolas lhes ensinam, ou pretendem pôr em evidencia conhecimentos que julgam possuir mas cuja ausencia se revela pela falta de lógica e de seqüencia que se lhes nota na conversação.

E não é com os exemplos que Você apontou que modifica a minha maneira de pensar, pois Púbia Hortencia de Castro, Paula Vicente e outras Senhoras portuguesas foram, como Você, encantadora Nêzita, algumas excepções a confirmarem a regra, além de terem vivido numa época diferente da nossa (e é só a esta que eu me refiro); D.<sup>a</sup> Carolina Micaëlis de Vasconcelos não foi, na sua

## A'VANTE!...

O Congresso Académico vai brevemente passar do sonho dos estudantes portugueses à realidade—à uma bela realidade.

O que ontem era apenas uma sombra indecisa, será amanhã um vulto definido—uma compacta multidão de académicos pugnando pelos seus direitos.

A idéa lançada pelo nosso jornal, criou fervorosos adeptos: A' nossa redacção chegam a todo o momento missivas incitando nos a trabalhar.

O nosso director tem sido alvo dos maiores elogios.

E nós sentimo-nos felizes; a realização da nossa idéa é o melhor prémio para o esforço empregado.

Urge trabalhar, trabalhar muito para conseguir o que ambicionamos.

A nós não nos assusta o trabalho, as dificuldades com que meia duzia de espíritos acanhados nos querem fazer desistir. Não; nós somos novos, a nossa mocidade não se deixa vencer com tolices vndas de cérebros ôcos.

O Congresso tem à frente inteligencias invulga-

res, inergias potentosas.

Como tal, jámais serão dados ouvidos àqueles que não fazem nem querem deixar fazer.

Raparigas: também lá temos o nosso lugar—e não somos nós estudantes como êles?!...

E não possuímos os mesmos direitos e deveres que os nossos colegas?...

Certamente. Mas, raparigas: além de estudantes somos mulheres; e é para as qualidades de mulher que vou apelar. O vosso papel neste momento em que a familia académica aneia pela realização do Congresso, de ser especialmente, o de encorajar os nossos camaradas para que não desistam da grande obra. Dizer-lhes que aplaudimos de todo o coração a sua iniciativa, que estamos alerta para o que for necessário.

Há tanto que dizer, tanto que discutir dentro do ambicionado Congresso!...

Os problemas acumulam-se por resolver—é o uso da capa e batina, o caso das Associações Académicas, são multiplos assuntos, complicados problemas que são de impossível resolução, enquanto a Academia não estiver unida.

Avante raparigas da minha Pátria!... Avante. E' preciso que nesta hora solene, em que caminhamos para uma grande resolução, saibamos mostrar de quanto somos capazes.

Raparigas de hoje mulheres de amanhã, avante!... que o Congresso Académico triunfe, que a mocidade académica do século XX marque por uma grande iniciativa.

Ao trabalho colegas! que os espinhos encontrados neste difícil caminho que nos há-de conduzir à grande realização sejam um incitamento—um aumento de vontade de vencer!...

Lucila Maria.

juventude, educada em Portugal, e também o não foram Suzanne Lenglen e Ruth Elder que eu, aliás não sei se sabem conversar...

Esta missiva já vai longa e eu adivinho a impaciencia que denota o bater nervoso do seu pêzinho de fada, mas antes de terminar ainda queria tranquilizá-la, afirmando-lhe que não sou pessimista acerca das raparigas portuguesas, mas também não sou injusto!

Eu vejo que, de facto, começa a aparecer em Portugal um punhado de raparigas que pretendem, pela sua acção, elevar o nível intelectual da mocidade feminina portuguesa, e Você é decerto uma daquelas a quem essa missão está melhor confiada. Mas, se creio firmemente que não-de conseguir o vosso objectivo, não é menos certo que, por enquanto, nada me demonstrou ainda que as minhas impressões são erradas.

Aceite, Nêzita, com as minhas desculpas, a sincera e respeitosa homenagem de

ALGUEM.

Tambem com o pedido de publicação recebemos de Coimbra uma interessantissima carta intitulada «Carta de um pessimista à Nêzita» que por ter chegado um pouco tarde publicaremos no proximo numero se o seu autor o permitir.

Direcção de:  
Jorge Antunes e  
Telmo Felgueiras

# Gente Nova

Secção cultural, artística, desportiva e cinematográfica

## O INFANTE EM SAGRES

A nossa Pátria parece que vai enfim pagar a sua dívida a um dos filhos mais gloriosos.

Grande pelo saber, gigante pela obra herculea que realizou, sonhador pelo modo como embalou a sua vida—D. Henrique merece a justa homenagem que uma corrente valerosa de homens dos nossos dias andam empenhados em lhe prestar.

Sobre os penhascos de Sagres, espargindo o olhar pelas brumas revoltas, e vendo o céu ao longe afogar-se no Oceano, este espírito asceta visionava acertadamente que para lá «donde a terra acaba e o mar começa» mais alguma coisa havia.

Não foi obra de aventureiros, não foi empreza de loucos, êsse singrar das aguas pelas caravelas lusas. Bem pelo contrário, o estado consciente e fortemente animado por um espírito lúcido, levou os nossos nautas em demanda da glória.

O Infante rodeado pelos seus companheiros estudava incansavelmente, sofregamente todos os assuntos nauticos.

Corrigindo os mapas do sábio Valseca, ou reflectindo sobre as obras de João Muller de Rœnigsberg ou de Jorge Purbach, o Infante não descansava.

Azurara diz que D. Henrique «quantas vezes encontro o sol no sitio que ocupava na vespera arruinando com o estudo a saúde».

E' que este homem de Avis queria que Portugal fôsse grande, imenso de poderio—para isso procurava realizar o seu sonho.

E os obreiros todos os dias, sempre artistas, sempre regidos pela mesma batuta, ensaiavam uma bela composição, uma encantadora sinfonia. Pelo mar fora, buscando terras, ergueriam o hino da Pátria!

Não foi preciso muito tempo.

D. Henrique o chefe de Sagres, o cabo dos marinheiros que viviam para a luta e aspiravam ao triunfo, viu apartar as ondas uma nau. Era Gil Eanes que ia embalado ainda pelo seu espírito de navegador. O mar revoltado quebrara-se contra a quilha invencível. A tripulação animada por um sorriso de esperança, um sorriso-menino, enfrentava o perigo. E cá da *Tercena naval* os mestres nauticos não desviavam um só instante os olhos dos intrépidos argonautas.

Uma caravela partiu. Outra lhe seguiu o sulco. Mais barcos lançados ao mar. Mais portugueses a caminho do triunfo.

E hoje, olhando atraz, nós vemos como formidável foi essa empresa dos descobrimentos maritimos.

Deve a humanidade á gente lusa o feito super-humano de sulcarem aguas desconhecidas e de apontarem novas terras.

Quem ganhou com a empreza, fomos nós? Não. A' nossa parte só nos restou a glória. Os portugueses são assim. Vamos para a luta ardentemente, quebramos lanças com o nosso inimigo, e depois, já quando vencedores, quando conquistamos o tão ambicionado trofeu, abandonamo-lo, esquecemo-lo.

Agita-se agora a idea de reparação ao vulto animador dos descobrimentos.

Pretende-se erguer em Sagres um monumento expressivo da Raça ao inclito Infante.

Já o poeta brasileiro, glória das lêtras do país irmão, Guilherme de Almeida, visionou o molde: uma quilha cortando as aguas. Concordamos com o poeta. E' uma expressão do esforço lusitano. E' a Pátria em péso no empreendimento que a agitou por mostrar o seu portentoso esforço.

O dr. Joaquim Manso na sua memoravel conferência da S. N. das Belas Artes apelou para os rapazes das escolas também.

Estamos prontos, ao lado do inteligente director do «Diário de Lisboa», a batalharmos para que seja um facto o saldo da dívida a um dos componentes da dinastia de Avis.

Hoje urge mostrar que a ingratidão foi flôr que feneceu no jardim da Vida.

Uma nova aurora rasga o horizonte para nos mostrar que nem tudo é baldado.

A luta de gigantes que nos antecederam, para nos darem um edificio arquitetónico de beleza e de maravilha, precisa de ser compreendida e correspondida.

Não é vivermos num apêgo ao Passado. Com os farrapos deste não se constrói o Futuro. Mas da maneira como nós nos conduzirmos no Presente assim teremos um porvir bom ou mau.

Nós portugueses temos um culto religioso pelas reliquias daqueles que já pereceram. Todavia não podemos estar turbulando as aras repletas de miriades. Há que lhe prestarmos Justiça e caminharmos. Iamos britando nos nossos dias a pedra para mais outro templo da Raça. Assim Portugal será grande, cada vês maior. Assim a nossa Pátria erguer-se-á tão alto, a uma culminância tão elevada, que, como após os descobrimentos, o orbe volta para ela o olhar e se enamora dos seus triunfos.

A homenagem ao Infante Nauta deve ser em Sagres. Ali mesmo avançando sobre o mar. Dominando-o, vencendo-o, subjugando o Oceano cheio de frémitos.

Nessa terra, melhor do que em qualquer outro lugar, nós, portugueses de hoje, devemos ir em romagem reunir a falta, uma grande falta.

E' preciso continuar a fazer sentir a necessidade da sua reparação. A' nossa parte não desanimaremos. A nossa Juventude, cheia de paixões fortes, exulta-nos a lutar.

JORGE ANTUNES.

## Tipografia Aguedense

Rua da Venda Nova—AGUEDA

Trabalhos tipográficos em todos os géneros—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS SEM COMPETENCIA

## União Académica

A mocidade portuguesa não se encontra, como era de desejar, firmemente unida. Essa fragil união, que quasi não existe e que devia ser fundada em bases indestrutíveis, cimentada por laços de eterna concordancia, entre todos os académicos, vassila por vezes.

E' o dever de todos nós, estudantes, não deixar exitar nem um momento essa franca, leal e firme amizade que deve lavar, para completo alcance dos ideais e aspirações da Academia de Portugal. E' para alcançar esse fim que se fundam os jornais académicos. Vários se tem criado; mas, em breve, por motivo da fragil união que existe entre os estudantes, caem, uns após outros, no regime do esquecimento. De raro em raro, algum consegue manter-se, não porque seja um indício do aparecer dessa tão almejada União Académica, mas sómente pela vontade tenaz dos seus dirigentes. «Gente Nova» e «Academia Portuguesa», que há pouco se fundiram, num rasgo de inexquecível fraternidade, tem o dever de arcar com esse enorme trabalho, a União dos Estudantes portugueses, para que possamos ver toda a Academia vibrar ao mínimo facto que toque uma parte dela.

«Academia Portuguesa» que não olvide este dever que se lhe impõe: levar aos mais distantes e quasi esquecidos centros académicos de Portugal, as bases dessa tão almejada União, e fazê-las compreender por todos, para que os resultados possam, também, ser melhores.

Portanto, avante! os dirigentes da «Academia Portuguesa» que não esqueçam o seu dever e, os que me lerem, que iniciem essa campanha para procurar a União Académica, pois que conseguida ela, facil será alcançar para todos nós, o que de direito nos pertence.

Lisboa.

José da Silva.

## AMOR

*Amor é leve fumo que se evola  
Das cinzas da saüdade 'inda latente.  
Amor é sol celeste, rubro, quente  
Que as dores mais cruéis sempre consola.*

*Amor é igual suspiro perfumado  
Da rosa que desponta ao arrebol.  
Amor é qual canção dum rouxinol  
Que canta ao pôr do sol dum dia amado.*

*Amor é meigo aroma que estonteia  
A alma sempre triste e sempre cheia  
De sonhos e de idilios—tudo em vão!*

*Amor é qual passar de aêria ave  
Que leva no seu vôo etêrio e suave  
As forças dum vencido coração.*

Vizeu, 16-2-633.

Carlos Nunes de Figueiredo.

## boa sonora

Ouvi dizer, e li também em alguns jornais, que Lisboa dentro em breve vai ficar sem ruídos, sem mendigos, sem papéis no chão, sem tuberculosos, sem cancerosos, etc. etc.

De tudo isto arreliei-me imenso. Quê?! Pois podia lá ser!... Nós sem ruídos! Então como é que nós sabíamos, quando partia o expresso? quando é que é meio dia? enfim, se hoje há telefonia? e um ror de perguntas todas barulhentas e sonoras. Ainda sem tuberculosos, sem cancerosos etc. está certo. Curando-se eis um meio eficaz para eles acabarem. Agora sem ruídos!... Não, não. Eu não posso conceber uma vida silenciosa, como a que Lisboa vai viver.

Vou fazer o possível por gritar sempre, barafustar, bater com os pés no chão, tossir, em todos os sítios e todos os lugares, mesmo depois dessa absurda lei publicada.

Admire-me, também muito, que ninguém tivesse levantado protestos sobre esse estudo.

Percorro cinemas e teatros, desfolho revistas e magazines, leio jornais sérios e humoristas, sempre em busca duma palavra que venha, em desfavor desse assunto, dum comentário contra, duma ironia, duma graça, e nada, tudo silencioso.

Dir-se-ia, que é tudo a favor, que todos estão de acôrdo, que tudo e todos cumprem já a lei. Eu ergo aqui o meu protesto.

Eu quero gritar e ouvir barulho. Quando não estiver disposto a ouvir procurarei um lugar solitário, onde não chegue o pregão das varinas cu a buzina dos automóveis que é o que esses senhores, devem fazer.

Eu julgo que presentemente seria um absurdo a existência de poetas românticos; julgo da mesma maneira que não existem cavalheiros a suspirar pelo silêncio das horas mortas e sossegadas onde só a nostalgia e comovente duma serenata toada vinha quebrar o sonho duma noite de Agosto.

Bem, mas dada a hipótese que existam desses fenomenos sobre a Lisboa, julgo que devem constituir uma parcela mínima dos alfacinhas. Portanto a maioria vencerá.

Aconselho-os a não cumprir a lei. Quando os mandarem estar calados ao menos riem-se, pela facilidade com que esses carecas intimam silêncio (sim, porque quem pensa assim, deve já ser caturra e careca).

E se eles vierem com o argumento que «o silêncio é de ouro», não contestem, e digam que sim. Mas digam-lhes, que o ouro se guarda dentro dos cofres do Banco de Portugal e o barulho, o papel, enfim, isso que eles não querem anda á luz do Sol, da Lua, debaixo da água e por cima da Terra.

Azinhah Abelho.

## Mocidade e Política

E' costume na nossa terra, (e sei lá se na dos outros) dizêr que, «Se mama leite e política» e na realidade, êsse é o inicio mais enraizado e daninho da nossa mocidade; e é a nós, gente nova, que trabalha com o espirito desempoeirado, liberto de aberrações partidárias, que compete mais que a ninguém, combater êsse germen e pretender libertar os nossos colegas e amigos das ideas falsas que tenham a êsse respeito.

E' frequente, ouvir dizer a rapazes de 16, 18 anos: «Eu sou republicano», Eu sou comunista», «Eu sou integralista», e na verdade, essa manifestação não pode sêr tomada pelos espiritos verdadeiramente superiores, senão por um leve sorriso.

Efectivamente, que consciencia podem têr êsses rapazes quando tal afirmam. A sua intelligência, em pleno desenvolvimento ainda, como pode estar apta a suportar a dura ginastica intelectual que impõe a ponderação conveniente dos prós e dos contras, a analyse imparcial dos sistemas e das doutrinas. E de resto, para que essa imparcialidade seja verdadeira e não ficticia, é necessário um estudo pessoal aturado e atento que um rapaz de tão curta idade não pode têr, certamente.

Aquêles que aos quatro ventos apregoam as suas opiniões politicas, enganam-se quando as julgam filhas da sua intelligencia, do seu espirito, elas são quando muito fruto do entusiasmo momentaneo, produto do ambiente ou circunstâncias especiais, ás vezes resultado da conversa com um vizinho simpático ou um colega mais esperto.

E não é só o mal duma idea pouco firme, duma doutrina que se conhece pela rama, o prejuizo que lhe acarretariam tais atitudes, pode sêr o comprometimento duma vida ou duma reputação. Na realidade, aquêles que agora tão levanamente arregimentam sob uma bandeira, podem depois, quando a sua educação intelectual se completar, verem-se no dêver de o abandonar ou combater, por serem as ideas por ela simbolizadas, contrarias ás actuais opiniões, fruto dum estudo e ponderação que não existiram quando do 1.º passo.

Por isso, rapazes, deixai-vos de andar pelas ruas e pelos cafés dando vivas a isto, ou aquilo, e pelo contrário, se a sociologia e a politica vos interessam, metei-vos em casa e lêde os tratados dos bons mestres, que isso será mais util para vós, e para a sociedade que quereis melhorar, do que a vossa actividade no campo da execução, mais ou menos bem dirigida e consciente.

José Maria Pereira Athayde.

## Contraste

Não vejas, no meu rir, a dúcida expressão  
Da minha vida fliz, porque ela não existe;  
Para mim, pôdes crêr, a Vida é sempre triste...  
Como é triste, p'ra nós, a negra escuridão...

A Soberana Dôr em mim sempre subsiste,  
Passa o tempo a roer meu pobre coração...  
Deus, para me enganar, me deu a Ilusão  
Sôbre o negro 'stendal de tudo quanto existe.

Quantas vezes, a rir, occulto a minha Dôr,  
Que me anda a acicatar a alma dolorida  
Num compasso cruel, amargurado e vário!...

Quantas vezes, a rir, minto ao mundo, Senhor!,  
Mostrando, a cada instante, a minha alegre vida,  
Trazendo, na minh'alma, um eterno Calvário!...

Manuel Correia P. Serra.

## Técnicos de Contas

Rogo a fineza de publicarem no jornal «Academia Portuguesa» o seguinte:

Pelos jornais foi anunciado que o Governo nomeou uma comissão para estudar as bases em que deve assentar a regulamentação dos «técnicos de contas».

Como o assunto me interessa bastante, humildemente venho expor a minha opinião enquanto à forma como deve ser regulamentada a profissão.

**Guarda-Livros**: os diplomados pelas Escolas Elementares de Comercio seriam considerados guarda-livros, pela mesma razão que os diplomados pelos Institutos Medicos de Comércio são contabilistas e os do Instituto Superior de Ciências Economicas e Financeiras são commercialistas. Mas, além do diploma, seria necessária a prática de 5 anos num escritório como ajudante, ou em qualquer outro serviço de escrituração, prática que poderia ser adquirida conjuntamente com a frequência da Escola. Com estas duas condições, o guarda-livros poderia exercer a profissão em qualquer empresa.

**Contabilistas**: além dos formados pelos Institutos Médios de Comercio, os guarda-livros, depois de 5 anos de prática poderiam ser contabilistas também, ficando com as mesmas regalias que aqueles, enquanto à admissão em empresas particulares; no Estado ou nas empresas que admittissem contabilistas por concurso documental ou por provas, os diplomados teriam a recompensa do seu trabalho, em virtude de terem maior soma de conhecimentos e, assim, os diplomados pelas Escolas Comerciais seriam preteridos.

**Peritos-Contabilistas**: todos teriam a faculdade de virem a ser peritos-contabilistas, exigindo, é claro, aos contabilistas 5 anos de prática (incluo nestes os guardas-livros depois de considerados contabilistas), e os commercialistas, após a sua formatura.

Para fiscalisação da execução do Decreto a publicar, deveria ser criada uma associação com qualquer denominação, a qual, além deste beneficio traria muitos mais. Ela concederia o diploma comprovativo da prática dos candidatos, sem o qual ninguém poderia exercer as funções adentro dos tecnicos de contas. Além disso os individuos que vivem na contabilidade e na escrituração depois de agrupados mais concorreriam para o progresso dela. As dúvidas que aparecem na prática aos guarda-livros, só obedecendo ao seu próprio raciocínio as desfazem, porque se recorrem aos tratados muito sinteticamente lá encontram ministrados os conhecimentos de que carecem. Havendo nessa associação um consultor técnico e outro juridico, muitas dúvidas seriam esclarecidas, as escritas seriam feitas com mais critério, resultando, assim, beneficio para o Estado, para o comerciante e para a classe.

Afim de não prejudicar direitos adquiridos, os actuais guarda-livros, mesmo os práticos, deviam ser considerados oficialmente como tal, desde a publicação do Decreto.

Lisboa, 2-3-33.

Lúcio Amaral Marques.

## Aos nossos leitores

Devido ao atraso da correspondencia com o original, só hoje publicamos os inumeros assuntos que não puderam sair no numero passado.

## Pensamentos

Toma como exemplo os grandes homens; os Washington, os Lincoln, os Edison, os Pasteur, e outros vultos de renome universal que mais têm beneficiado as suas pátrias e a humanidade, lutaram mais do que tu para obter o que desejavam. Portanto, os jovens e as jovens do nosso tempo dispõem hoje de muitos mais meios de atingir os seus fins do que as gerações de há cem, cinquenta ou vinte e cinco anos.

O. S. MARDEN.

Trabalhas ou morres! é a divisa da Natureza se deixares de trabalhar, morrerás intelectual, mora e fisicamente,

O. S. MARDEN.

## SENHORA

Ensina a lingua franceza, por preços módicos

D. Barão de Sabrosa, 176-1-E.

# 20:00

Este é o preço por que V.

Ex.<sup>a</sup> tem UMA CANETA

com aparo de ouro 14 ku.

Havaneza de S. Domingos

15, Rua Barros Queiroz, 17

Concertam-se e vendem-se soltas todas as peças. Aparos, borrachas, tintas especiaes, etc. etc.

Recomenda-se:

Alfaiataria de A. J. Leitão

Praça do Chile, 9—LISBOA

A casa que melhor trabalha em fatos de esmaltados

# A "Academia Portuguesa," em Viseu

Redacção Delegada—Calçada do Uiriato, 13

REDACTORES: { Antonio Loureiro Pinto  
Armando Barros Xavier da Fonseca  
Luís Miranda Poças  
Fernando Carvalho

COLABORADOR: { Cristovão Moreira Figueiredo—prof. da escola Com.-Ind.

## ANGOLA

Situada na Africa central meridional, possui um território de 1.300.000 kilometros quadrados, sendo maior em extensão que na Europa a França e a Alemanha reunidas, e englobando umas quinze vezes Portugal continental.

A população é calculada em 4.000.000 de habitantes, pouco mais ou menos.

Constitue a mais vasta das colónias portuguesas e tambem a mais rica.

Tem o nome de «Provincia» e a sua divisão administrativa é feita em «distritos».

Estende-se numa longa costa marítima com algumas enseadas e baías desde o rio Zaire ao norte, ao Cunene ao sul, sendo limitada ao norte e leste pela Congo Belga, ao sul e tambem parte de leste pela Africa do sul inglesa (União Sul-Africana), ao ocidente pelo oceano Atlantico. Conforme a natureza dos terrenos podem dividir-se em três zonas, partindo da costa para o interior: 1.<sup>a</sup> a zona do litoral que é a mais baixa e quente no seu conjunto; é tambem a menos produtiva; 2.<sup>a</sup>—a zona dos terrenos acidentados, das montanhas, das florestas, e grandes quedas dos rios; 3.<sup>a</sup>—o planalto, a zona de cima mais fresco e sadio.

Devido ao antigo desleixo da metropole pelas colónias, e ao fraco conhecimento das suas necessidades; devido à administração centralizadora do Terreiro do Paço, que de longe e com seus vagares, demorava, não patrocinava, e até combatia muitas iniciativas uteis, as colónias portuguesas têm permanecido em bastante atraso.

Essa situação não podia prolongar-se indefinidamente sem correr o risco de as perder. conhecida a cubiça de varias nações em possuir dominios ultramarinos, sendo aqui, antes da guerra, a Alemanha a potencia europeia que mais appetites mostrava duma usurpação.

A República decidiu conceder a autonomia administrativa e financeira a Angola e Moçambique, autonomia baseada numa Lei Orgânica que estabeleceu os Altos Comissários da República, os quais com melhor conhecimento de todos os assuntos locais resolvem «sur place», coadjuvados por um Conselho Legislativo.

O primeiro Alto-Comissário para aí nomeado foi o general Norton de Matos, que já outrora fôra governador geral desta Provincia.

Os principais produtos que Angola exporta para a Europa são: café, coconote, oleo de palma, borracha, cêra, algodão, couros, etc. O gado bovino é abundante nos distritos do sul, do centro, e de leste, devendo salvaguardar-se essa riqueza contra os estragos das epizootias.

Ao longo da costa encontram-se numerosas salinas em exploração, e tanto o mar como os rios possuem muito peixe, sendo a pesca marítima a principal indústria de Mossamedes, Porto Alexandre e Baía dos Tigres, no sul da Provincia. Para o Congo Belga e Francês e para a ilha de S. Tomé costuma exportar gado bovino, peixe seco, sal, milho e feijão.

No distrito de Benguela e outros do sul dá-se bem o trigo e algumas árvores frutíferas

da Europa; se a cultura do trigo vier a desenvolver-se, pode estar ali um celeiro não só para a colónia como para fornecer tambem à metropole.

A batata europeia que ainda há poucos anos importava toda de Portugal, já agora a produz em quantidade, tendo acabado a importação de tal artigo.

Tem Angola montadas algumas fabricas de conservas de peixe e carnes; de tabacos; de sabão; de assucar; de massa alimentícia; que podem bastar ao consumo interno desses artigos.

Encontram-se aí todas as frutas dos trópicos, e a cana do açucar, hortaliças, batata doce, ginguba, mandioca, que é o principal alimento dos nativos, que a cozem em água fervente, depois de reduzida a pó.

A caça grossa e miuda tambem abunda.

Possui minas de carvão e de petróleo (Foz do Dande e outros lugares) que não são exploradas; as minas de cobre de Bembe e outras; dizem tambem haver de ouro. A leste tem as minas de diamantes do distrito de Lunda, exploradas por uma companhia norte-americana, segundo contrato com o governo provincial.

Os naturais de Angola são chamados «angolanos» e não «angolenses» como alguns dizem impropriamente. Esta população pode dividir-se em civilizados (as colonias europeias, os mulatos, e alguns pretos civilizados), em domesticados, a classe dos serviçais e trabalhadores indigenas, e em gentio, que são os aborigenes do sertão, semi-nús, e vivendo à parte com seus costumes.

Todos falam o português, mas usam entre si diversos idiomas africanos, que do norte ao sul são muitos; os mais generalizados é o Kimbundo, que tendo á mistura algumas palavras portuguesas estropiadas, é tambem a lingua de Loanda e seu termo.

O transito por toda a Provincia é inteiramente seguro, devido tanto à índole pacifica dos indigenas, como à occupação militar que é hoje completa, encontrando-se espalhadas pelo interior, além dos postos militares, muitas feitorias de comércio.

Para concluir diremos que a vida aí passa num tranqüilo ramerrão; às vezes parece ser o país mais soçegado do mundo.

Apenas em algumas terras festejam o 15 de Agosto (libertação de Angola do dominio holandês) e o 5 de Outubro (proclamação da república portuguesa), festejando tambem os nativos o carnaval com mascaras e danças.

Judite A. Ribeiro Polónio.

### FRANCES

Pronto a falar em sete semanas

inglês, latim, curso geral dos liceus, cada 35\$00, trad. Fréchou

R. da Rosa, 177, 4.-E.—LISBOA

### Escola Comercial e Industrial "Dr. Azevedo Neves,"

A Caixa Escolar desta Escola está constituída pelos seguintes alunos:

*Direcção:* Presidente—Antonio Madeira; Tesoureiro—José Mendes dos Santos Correia; Secretário—Antonio de Almeida.

*Conselho Fiscal:* José Pires e Mário do Amaral Chaves.

\*\*

### Caixa Escolar

Por deliberação do seu Presidente, Antonio Madeira, recomeçou a existencia do Grupo Coral deste estabelecimento de ensino.

Do espirito trabalhador e iniciativo deste nosso colega, é de esperar que, doutras aspirações da Escola, ele seja seu portador.

Consta-nos que já está planeada uma excursão com o seguinte itinerário: Viseu—Coimbra—Figueira da Foz—Tomar—e regresso por Aveiro.

A este colega a Redacção-Delegada do «Academia Portuguesa» em Viseu, órgão de todos os estudantes do país, envia parabens.

\*\*

### Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício, no dia 6 do corrente, o Ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Francisco Ribas de Sousa, distinto professor da Escola Industrial e Comercial «Dr. Azevedo Neves», de Viseu, e antigo director. Por este facto a Redacção-Delegada em Viseu felicita-o sinceramente.

\*\*

### Conferência

No Grémio Alberto Sampaio, realizou no dia 18 de Fevereiro uma conferência sobre o tema—*O Bispo Alves Martins—Traços da sua vida*—o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Augusto Pereira, velho democrata e distinto professor da Escola Industrial e Comercial «Dr. Azevedo Neves» de Viseu.

### "Raparigas modernas"

Com este titulo saiu publicado um artigo na «Academia Portuguesa», da autoria da distinta colaboradora, Adélia Cabral Gomes da Costa.

Não posso deixar de manifestar o meu entusiasmo por ver que ainda há alguém que critica os seus semelhantes, pela maneira ridícula como se apresentam na rua.

Em certa altura diz o artigo: «Pintam o rosto e a alma porque mascaram todos os sentimentos nobres que porventura nelas existam»...

—E' nisto que todas as meninas devem reparar, era assim que todas deviam pensar, e era assim que todas deviam encerrar a moda.

Cá no nosso lindo torrão visiense tambem se apresentam na rua cêrtas meninas, verdadeiros fantoches, que olham para todos os lados a ver se alguém repara nelas.

Por cá illustre colaboradora, isto é, nos meios pequenos, tambem se encontram das tais «meninas modernas».

Luiz Miranda Poças.

Especialização no ensino moderno de línguas

INGLÊS, ALEMÃO E FRANCÊS

Avenida da Liberdade, 224, 1.º Dt.

LISBOA

Redacção e Administração:

Av. Almirante Reis, 121

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

**ABEL DOS SANTOS**

Redactor Principal—José Francisco Viegas

Comp. e Imp. na «Tipografia Aguedense»  
Rua da Venda Nova—AGUEDA**ACADEMIA PORTUGUESA**

FILIADO NO SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

N.º avulso, \$50—5 núm., 2\$50—12 núm., 6\$00—25 núm., 12\$00—52 núm., 25\$00

## A Capa e Batina foi vilmente cuspi- da num colégio particular

Tendo chegado ao nosso conhecimento que num baile realizado num dos dias de Carnaval, no Colégio Infante de Sagres, o seu director não permitiu a entrada aos rapazes de capa e batina e expulsara um, que os porteiros, mediante a apresentação do bilhete de admissão e o costume tradicional, haviam deixado entrar; e considerando que esse acto ofendeu os bons costumes e a dignidade académica, não podemos abster-nos de lavrar o nosso protesto e apontar à indignação da academia portugueza o nome de quem a feriu através da desconsideração da sua farda.

Comecemos por classificar a acção e no decorrer da nossa critica incluiremos o nome do seu autor e lavraremos o protesto.

Espantou-nos o acto do sr. Manuel da Silva Leal que consideramos insolente e arrojado. Insolente para os rapazes que de lá foram corridos. Arrojado por ser um desafio à academia portugueza—a todos aqueles que teem direito à honra de usar capa e batina.

Mas, não é impunemente que se desprestigia uma coletividade. Não é impunemente que se atenta contra a vida dum costume secular. E por isso aqui vai a resposta na qual se contem o nosso protesto indignado.

\*.\*

Em todos os tempos a capa e batina foi considerada traje de soiré, e, como tal, admitida em tôdas as festas e solenidades onde se exige traje a rigor—desde os antigos bailes da Reitoria de Coimbra, onde figurava ao lado da casaca, até às cerimonias de casamento.

E este habito de muitas dezenas de anos transformou-se em costume que toda a gente tem a obrigação de respeitar—quanto mais o director dum Colégio cujos alunos virão a usar capa e batina.

Este acto injurioso para a Academia seria desculpável num imbecil, mas não o é praticado por uma creatura inteligente como o sr. Silva Leal.

Não acharíamos extraordinário e admitiamos como natural se o caso se tivesse dado num bailarico de sopeiras... Justamente também compreenderíamos que o facto succedesse à porta dum clube... Agora num colégio de rapazes que são estudantes, que também teem uma farda, tratar-se a capa e batina dum maneira tão incorreta, pareceu-nos acto indigno de todo o amigo dos bons costumes—quanto mais dum pessoa que dirige um estabelecimento de ensino em cujas paredes está afixada uma multidão de regras de conduta moral e boa-educação.

Se é com elementos deste quilate que se faz a educação em Portugal, cêdo entraremos no caminho do desprezo mutuo.

Se não ficar calado como um promontório talvez o sr. Director Manuel Leal venha alegar em favor do seu disparate que estava em sua casa; o que não desculpa a ofensa, antes a aumenta, pois o estar em sua casa é mais um facto a impor-lhe o dever de ser bem educado.

—Não é verdade?

—Assim o jugamos.

A seguir transcrevemos uma das cartas recebidas, em que se exige uma desafronta.

\* \* \*

... Senhor Director do jornal

«Academia Portuguesa»

Eu, como assíduo leitor do jornal que V. tão brilhantemente dirige, e cujas campanhas, tenho acompanhado, dia à dia, numero a numero, com entusiasmo e interesse, que tem o seu fundamento na justiça, das nossas reivindicações, e também como aluno dum dos liceus de Lisboa,—académico que tenho em elevado conceito, a capa modesta mas honrada que uso—farda da nossa Academia, símbolo que nos deve unir, contraste simbólico que descreve por assim dizer, o traço de união do pensamento que nos deve ligar, ao todo académico de que fazemos parte. não posso abster-me de protestar junto de V., meu illustre amigo e camarada, contra um facto offensivo da nossa dignidade de académicos, num acto repudiante da nossa capa e batina.

O caso, é o seguinte:

Na noite de 24 do passado mês, num baile realizado na quinta das Palmeiras, às Laranjeira no Colégio Infante de Sagres, de que é Director o Senhor Manuel da Silva Leal, não me permitiram a entrada por ter ido de capa e batina.

E é por isto, Senhor Director, que eu, humilde acadêmico dum liceu, rogo a V., queira ser o interprete do meu protesto, como o tem demonstrado ser dos nossos mais elevados sentimentos e aspirações. Neste momento em que, nós, num esforço ainda mal compreendido, pretendemos rehabilitar o prestígio desse antigo habito, não podemos consentir, sem um eco de protesto—o assassinio das nossas ambições, à porta dum Colegio.

Esperando que o desprezo de desconsideração sofrido pela Academia Portuguesa, através dum dos seus componentes, não fique sem resposta, eu deixo esta divida em aberto, confiando que o crédito de V., a possa saldar como pode e deve.

De V. etc.

Lisboa, 1 de Março de 1933.

J. P. Sabido Falcão.

\* \* \*

### David Martins

Do sr. Delfim Teixeira da Mota, recebemos uma carta em que este colega mostra grande interesse em conhecer aquele seu amigo que no ultimo numero assinava uma carta com o pseudónimo, David Martins, pois, visto serem amigos pessoais, gostava de discutir com ele o uso da capa em Braga.

### Grandioso Baile

Realiza-se no dia 25 um grandioso baile no Liceu de Gil Vicente. E' bem conhecido de todos a animação dos bailes que se realizam neste estabelecimento de ensino. No entanto, êste deve exceder todos os outros. Os numeros de variedades estão a ser cuidadosamente escolhidos. A orquestra é composta de oito figuras. A entrada é seleccionada. O preço dos bilhetes para cavalheiros é de 10 escudos; as senhoras têm entrada gratuita.

**Propagai e defendei a****Academia Portuguesa****?**

Ponto de interrogação é um simbolo que agora, mais que nunca nos principios do ano que entria se vê pelos jornais, por toda a parte. O que será êste ano, que assim começa? como acabará? todos assim o interpretam.

Mas... quão diferente é a significação desse ansol com um ponto em baixo, conforme o estado de espirito do seu interprete.

Para alguns, é a monotonia quasi certa, das occupações habituais, dos mesmos sentimentos, dos mesmos panoramas; para outros, é a verdadeira anciedade do que se passará amanhã, é o temor e o desejo de experimentar novos sentimentos, de descobrir novos horisontes.

Para uns, é um sinal apagado, quasi anónimo da nossa escrita; para outros, o carácter mais expressivo, mais vibrante, que tão bem traduz um estado de alma.

Ponto de interrogação, como é diferente a maneira como te olham, ao passar; uns, veem-te como um espantalho inexpressivo, inestetico e inútil—outros, veem em ti o sinal da aventura, que os atrai e fascina.

E como êste são todos os simbolos, cada um interpreta a seu modo, conforme mais agrada ao estado de espirito momentaneo.

Assim é a humanidade ante a natureza; para uns a poesia que encanta e entenece, para outros a cruz da dura realidade.

Em tudo há poesia, em tudo há amargura, é só questão de olhos que observam e o que eu te desejo, leitor, é que neste ano que vai menino, tudo te pareça sempre risonho e atraente, ausente da monotonia e amargura.

José Maria Pereira Athayde.

## O Beijo ao Luar

a M. D.

Como é grande a saúde,  
Como encanta a mocidade  
A simples troca dum beijo,

Quando ao luar se navega,  
Quando a barquinha se entrega  
A's ondas mansas do Tejo...

Como seduz meditar,  
Quer seja fitando o mar,  
Quer seja o azul sem fim,

Nêsses beijos que trocámos  
Quando a sós nos encontrámos  
Num perfumado jardim.

Sem olhar a formosuras,  
Quer seja dado ás escuras,  
Quer seja á luz do luar,

O beijo cái sempre bem  
A toda aquela que tem  
Uma boca p'ra beijar...

E se dá-los não soubér,  
Ou timidez se impusér  
Por ser o primeiro a dar,

Se o namorado, á noitinha,  
Tomar com ela a barquinha,  
—Nem lh'os precisa ensinar...

Por isso, sempre que as águas  
Afogando as minhas máguas  
Me permitem meditar,

Hei-de invejar êsse bem,  
—Porque não tenho também  
Uma boca p'ra beijar!

Celestino R. Santos Júnior.